

Da arte do bem narrar à narrativa da análise:

uma tarefa possível no mundo em que vivemos?

Mônica do Amaral

Quando se degrada a narrativa como experiência comunicável e a sabedoria agoniza, como assegurar a transmissão da psicanálise, que se assenta sobre uma variedade da arte de narrar?

Dois poemas de Eliot¹, um escrito em 1922, “Terra desolada” e outro, “Os Homens ocios”, de 1925, sugerem um espírito em ruínas que precisa ser visto em suas entranhas para que se possa fazer emergir qualquer esperança em uma civilização agonizante. Embora se refiram ao que restou da grande guerra, podemos pensá-los a propósito do que foi decantado dos conflitos mundiais que deram início ao processo de expansão de fronteiras, a que assistimos até hoje em pleno processo de globalização, cujas incidências se fazem sentir não apenas nos campos econômico e cultural, mas nos recônditos mais íntimos da alma humana. Basta voltarmos nosso olhar para a guerra sem limites ensejada pelos EUA contra o terrorismo; um conflito movido pela desrazão presente tanto no

fanatismo terrorista, como em um sistema econômico-militar sustentado pelos países ricos que tende a fazer engrossar as fileiras das misérias — econômica e espiritual — mundiais. Questões tão candentes na atualidade foram tratadas com maestria pelo poeta Eliot, e concebidas pelos filósofos identificados com a Escola de Frankfurt, Walter Benjamin e Theodor W. Adorno, como sendo a barbárie dos tempos modernos. No domínio psíquico, Fábio Herrmann o teria anunciado como a

Mônica do Amaral é doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, membro do Instituto de Psicanálise da SBPSP, Docente da FCL-UNESP-Araraquara, DEA de Psicanálise da Université Paris VII. Autora do livro *O espectro de Narciso na modernidade - de Freud a Adorno* (Estação Liberdade/Fapesp, 1997) e co-autora do livro *Psicanálise fim de século* (Hacker, 1998). Este trabalho apresenta, com algumas modificações, as idéias de uma exposição apresentada no II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos, São Paulo, outubro de 2001.

“desrealização do real”, ou a perda da “substancialidade das representações sociais”.

Há momentos de “Terra desolada” em que Eliot nos faz ter acesso ao sofrimento da vacuidade de uma cultura em ruínas que clama por que algo seja feito, embora sem esperança, como expressa tão bem por meio da alusão às estações do ano:

“Abril é o mais cruel dos meses, germina

Lilases para além da terra morta, mistura

Memória e desejo, aviva

Agônicas raízes com a chuva da primavera.”²

Referindo-se ao mês de abril, que na Europa sucede a um longo inverno em que nada brota, toma-o como uma metáfora em que a germinação de algo tão belo como os lilases não se faz sem reavivar um passado recém-agonizante, misturando a dor da terra devastada com

fantasia induzida de uma identidade contrária a si mesma, que, existencialmente, nos encerra numa realidade em contrariedade de ser”³.

Na parte V do poema “O que disse o trovão”, Eliot ainda acrescenta, a propósito de uma civilização que, embora tenha tido o seu auge, hoje apenas evoca os gemidos e sussurros de um mundo exaurido de suas riquezas: “Tangendo reminescentes sinos, que outrora as horas repicavam e agudas vozes emergiam de poços exauridos e cisternas vazias”⁴. Termina o poema mencionando o que resta dos sujeitos em ruína para oferecerem qualquer conforto: “Com fragmentos tais foi que escorei minhas ruínas pois então vos conforto”⁵. No poema “Os Homens ocos”, ao qual Herrmann se refere no artigo “Mal-estar na cultura e a psicanálise no fim do século” (1994), o poeta define mais precisamente a qualidade de tal vacuidade da existência:

Uma visão de progresso que muito se aproxima da crítica ao historicismo empreendida por W. Benjamin que, em uma de suas “Teses sobre a Filosofia da História”⁷, a de número 9, recorre à figura do anjo de Paul Klee, para descrever às custas de quê se tem promovido o progresso: com olhos estupefatos voltados para as ruínas do passado, o anjo se vê impelido para a frente, como que movido por um furacão, que o impede de se acercar desse passado em ruínas. Tese tão atual diante dos conflitos entre os povos observados hoje, movidos, além da miséria, pela intolerância generalizada, seja religiosa ou política.

Eliot, ainda, descreve-nos uma terra de cegos em que o encontro, uma palavra, um sentido que dela pudessem proliferar, terminaria na imagem de “uma estrela agonizante”, a não ser que disso tudo resultasse um novo olhar:

“Sem nada ver, a não ser
Que os olhos reapareçam
Como a estrela perpétua
Rosa multifoliada
Do reino em sombras da morte
A única esperança
De homens vazios.”⁸

Em um mundo de *homens feitos às pressas*, termo que tomo de empréstimo das *Memórias* de Schreber⁹, em que falta densidade à própria experiência de sofrimento, parece-me fundamental, mais do que nunca, aprender com os poetas como traduzir em palavras significativas o mundo oco e sem sentido em que vivemos. Ou com analistas como Herrmann¹⁰, que procura resgatar em sua arte de fazer análise, assim como em sua escrita, a figura arcaica do narrador – talvez mais próxima do marinheiro mercante – como forma de trazer de volta de terras distantes e de um passado longínquo aquilo que se perdeu; ou seja, não apenas a própria arte de contar histórias, mas também a experiência que com ela se esvaiu, por meio da palavra “rememoradora e esquecediça”,

Em um mundo de *homens feitos às pressas*, é fundamental resgatar a figura arcaica do narrador.

o que nela pode despertar de vida, em que se mesclam memória e desejo, o passado, o presente e o futuro. Uma tradução em imagem não apenas do sujeito moderno em ruínas, como do mal-estar reinante em certas tendências da psicanálise que pretendem engessar um mesmo modo de ver e de ser que, segundo Herrmann, nada mais é do que “a

“Nós somos os homens ocos
Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!

.....

Forma sem forma, sombra sem cor,

Força paralisada, gesto sem vigor;”⁶

exaltada pelo projeto restaurador da teoria da narrativa do filósofo alemão Walter Benjamin.

Benjamin, como assinala Jeanne M. Gagnebin, sempre insistirá na perspectiva salvadora que a crise da tradição poderá oferecer à ação histórica dos homens. O retorno ao passado, perdido, recalçado ou mesmo negado, por meio de uma espécie de jogo lúdico da lembrança e do esquecimento, ao modo da

passado enquanto passado só pode voltar numa não identidade consigo mesmo — abertura sobre o futuro, inacabamento constitutivo¹².

Uma concepção, pois, que se aproxima do sentido da própria pesquisa psicanalítica, em que a reconstrução criadora substitui a repetição inconsciente. Um processo que muito se aproxima do trabalho de elaboração (ou de perlaboração) que Freud¹³ remete à sua dimensão eco-

que, como propõe Herrmann, deve proceder mais do que nunca à crítica das aparências, promovendo a ruptura de campo e a liberação dos sentidos suprimidos, condição, a meu ver, para restituir a narrativa ao sujeito agonizante da contemporaneidade. Se noutros artigos¹⁵ Herrmann sustentou a idéia de “ruptura de campo” como sendo fundamental para a recomposição dos sentidos suprimidos a partir da crise na crença da realidade, cujas fissuras aparecem quando se esvai a representação identitária de uma interioridade vazia de sentido, no livro *O divã a passeio*¹⁶, o autor retoma essas idéias acerca do método psicanalítico, propondo uma espécie de reconhecimento histórico do sujeito e de sua própria capacidade de narrar, pela via alegórica da tradicional sabedoria da arte de narrar e de ouvir histórias:

“Nos mitos e nas lendas a Psicanálise se reconhece, reencontra o âmbito original de um saber que se acumulou por séculos de narrativas tradicionais, em que pessoas meio distraídas mas respeitadas escutavam um contador de histórias, enquanto se ocupavam em fiar ou cerzir, enquanto trabalhavam a madeira e o couro, enquanto cozinhavam ou embalavam uma criança. Essa relação ténue de atenção, mas de profundo efeito constituinte, em que as raízes culturais se vão transmitindo e fixando em forma canônica, é bastante semelhante à atenção analítica numa sessão; deixamos escapar quase tudo, mas retemos os sentidos originários.”¹⁷

Uma reflexão que o autor faz, apoiando-se nas idéias sustentadas por Walter Benjamin, em seu artigo “O narrador”, cujo trecho citado reproduzo aqui para poder discutir as aproximações possíveis entre esses dois campos da experiência, da narrativa tradicional e da análise:

“(…) Se o sono é o ponto culminante do relaxamento físico, então o tédio é da distensão espiritual. O tédio é o pássaro onírico que

Walter Benjamin insiste na perspectiva salvadora que a crise da tradição pode oferecer à ação histórica do homem: o retorno ao passado perdido, por meio de um jogo lúdico da lembrança e do esquecimento.

rememoração involuntária — pela qual se deixou levar Proust em sua obra *Em busca do tempo perdido*¹¹ adquire, para Benjamin, o valor emancipador, e até revolucionário, de onde se depreende uma concepção de história que nada tem a ver com o suceder dos fatos e tampouco com uma explicação lógica que lhe seja exterior. Trata-se de uma concepção de história e de narração para a qual se torna essencial a busca das origens e não da gênese. A esse respeito, esclarece Gagnebin, o termo *Ursprung*, a origem benjaminiana, designa mais o salto do que a perspectiva cronológica niveladora: “visa, portanto, mais que um projeto restaurativo ingênuo, ela é, sim, uma retomada do passado, mas ao mesmo tempo — e porque o

nômica, idéia ausente nas reflexões de W. Benjamin. Embora obscuro, esse conceito freudiano refere-se a um trabalho psíquico de elaboração fundado na vivência (*erlebnis*) das pulsões recalçadas que alimentam a resistência¹⁴. Ou seja, um trabalho que, ao romper a resistência inconsciente, inscreve o sujeito numa temporalidade psíquica — fundada numa particular dialética em que o lembrar se distancia do esforço da vontade consciente — dependendo muito mais de se deixar esquecer, abrindo, desse modo, um campo fértil para a rememoração involuntária, essencial à narrativa inaugurada por Marcel Proust.

Um olhar sobre a narrativa literária e sua salvação que se aproxima muito do método psicanalítico

choça o ovo da experiência. (...) Perde-se [a arte da narrativa] porque já não se tece e fia enquanto elas [as histórias] são escutadas. Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada. (...)”¹⁸

Benjamin lamenta o fim da narrativa tradicional, como forma de restaurar a idéia do complicado entrelaçamento da rememoração e do esquecimento, inerente ao modo humano de existir. É na analogia, às avessas, com o fiar e desfiar noturno do trabalho de tecelagem de Penélope¹⁹, que o autor elucida como a rememoração involuntária aproxima-se mais do esquecimento: “Não seria esse trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama e o esquecimento a urdidura, o oposto do trabalho de Penélope, mais que sua cópia? Pois aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós. Cada dia, com suas ações intencionais e, mais ainda, com suas reminiscências intencionais, desfaz os fios, os ornamentos do olvido”²⁰.

Uma definição que me pareceu das mais belas de um projeto restaurador da narrativa, que, ao ressaltar a particular dialética em que se tecem a recordação e o esquecimento, denuncia talvez o cerne do que deva ser a análise neste mundo em que vivemos, uma vez que aponta para uma ruptura possível com o *excesso de opções* do mesmo, tão presentes na crescente totalização – presente nas tendências da cultura e da economia contemporânea – imposta pela globalização.

Não se pode deixar de observar que, se no início da Era Moderna anunciava-se o declínio da narrativa e da experiência, no momen-

to em que o indivíduo é lançado na ciranda do processo de globalização da economia e de mundialização da cultura, abrindo-se-lhe inúmeras possibilidades virtuais de subjetivação – que se assentam segundo Herrmann sobre a “perda da substancialidade”²¹ da comunidade sobre a qual se apoia a ação individual – observa-se um processo redobrado de esvaziamento da experiência. E – por que não? – da própria arte de narrar e de lembrar, tão essenciais ao trabalho analítico.

Também não se pode esquecer, conforme salienta Benjamin, quais os últimos baluartes da narrativa oral – o marinheiro mercante, que muitas histórias tinha para contar das terras longínquas por ele percorridas, assim como o lavrador sedentário, que bem conhecia as histórias e tradições de sua terra. Esses dois tipos arcaicos de narradores encontraram na condição do artífice medieval a síntese da troca de experiência, tão essencial, não apenas à

homem viajado, com o conhecimento do passado, da forma como este se oferece de preferência ao sedentário”²².

É preciso observar, entretanto, que Benjamin²³, ao mencionar o declínio da arte de narrar, referencia o declínio da experiência no sentido de *Erfahrung*, ou seja, como experiência coletiva concebida reflexivamente, o qual acabou produzindo, no início da era burguesa, um duplo processo de interiorização: do ponto de vista psíquico, assistiu-se à superposição dos valores individuais e privados aos coletivos; do ponto de vista espacial, o espaço coletivo cedeu lugar às residências privadas. A casa particular tornou-se o refúgio frente a um mundo hostil e anônimo. Com isso, o campo da vivência (*erlebnis*) empobreceu-se na medida em que se desvinculou da experiência coletiva.

Este processo, já em curso quando das descobertas freudianas, parece ter se aguçado com o que

Na “privatização da existência” há uma superposição entre as esferas públicas e privada: a sociedade é tratada como um sistema psíquico, e os indivíduos e suas vidas como se fossem de domínio público.

transmissão do ofício de artesão, mas também à arte de narrar. Conforme o autor, “nela se unia o conhecimento do lugar distante (na condição de mestres e aprendizes volantes), como o traz para casa o

hoje se denomina “a privatização da existência”. Tema tratado por alguns sociólogos, como Richard Sennett²⁴, que aponta para as conseqüências da falta de um princípio (privado ou transcendental) que oriente os

indivíduos, conduzindo à superposição entre as esferas públicas e privada: a sociedade é tratada como um grande sistema psíquico e os indivíduos e suas vidas como de domínio público. Uma superposição às custas da qual forjou-se uma trama social há muito esvaziada de substância.

A leitura desses autores nos campos filosófico e psicanalítico me levou a pensar que talvez a psicanálise sofra de um paradoxo análogo ao da narrativa, dadas as semelhanças entre o aprendizado do artífice medieval e a transmissão analítica, o contador de histórias e a atividade do analista, na medida em que a construção do *savoir faire* em psicanálise depende da troca de experiências entre *mestres e aprendizes*, cuja relação se faz mediada pelo acúmulo de experiências (teórico-clínicas) ao longo da formação. Ou seja, a despeito da impossibilidade crescente de se ser sujeito na contemporaneidade e de se poder ser autor da narrativa de sua história, a psicanálise, para se realizar, exige que se possa ser sujeito de sua própria história, ao menos enquanto promessa vindoura. Ora, a questão que se coloca é: como ficam a transmissão e a própria atividade do analista, se a subjetivação está passando cada vez mais por uma opacificação da experiência e por uma agonia da sabedoria que acompanham o declínio da arte de narrar?

No artigo "Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas"²⁵, Herrmann salienta que a psicanálise pretende curar o homem, não apenas de seu esquecimento, mas de seu "descentramento fragmentário", visando, ao contrário de uma unidade perdida, "revelar seu descentramento essencial e a insaciabilidade do desejo". Uma questão suscitada por tais circunstâncias da contemporaneidade é que a própria expressão do desejo diante da fragmentação, que aliena o su-

jeito de seu descentramento constitutivo (em sua dupla face do esquecimento e da rememoração), não pode ser da mesma natureza de outrora. Basta um olhar atento para a nossa clínica, atravessada pelo que se tem denominado de clínica do narcisismo ou das patologias do eu, em que, conforme salientam diver-

A psicanálise, para se realizar, exige que o indivíduo possa ser sujeito da sua própria história, ao menos como promessa vindoura.

tos autores, a sexualidade inconsciente não mais se exprime sob a forma do desejo, mas como uma tendência a excitar a pulsão em direção à descarga ou à repetição, o que acaba curto-circuitando qualquer elaboração possível²⁶. O que quero dizer é que a revelação ao sujeito de seu descentramento essencial, constitutivo do desejo, exigiria do método psicanalítico a apreensão do deslocamento de sentido, sugerido por Herrmann, entre

aquele que lhe é constitutivo e o descentramento fragmentário ao qual o sujeito é submetido no mundo contemporâneo.

Todas estas questões da cultura incidem de um modo particular sobre a clínica contemporânea. A meu ver, não cabe mais discutir a questão da analisabilidade dos pacientes, ou no mínimo, há que se considerar esta questão sob novos ângulos. Esta é uma questão equívoca, pois, diante do crescente empobrecimento do espírito ocidental, há que se envidar esforços nos diversos campos do saber, para tentar restituir o que Herrmann considera possível através da análise: o processo de humanização do qual os sujeitos têm se visto cada vez mais apartados.

Em sua obra *O divã a passeio*²⁷, este autor apresenta-nos uma série de temas da psicanálise – como a sessão e o processo psicanalíticos, a metapsicologia e a psicopatologia – de um modo nada usual: por meio da narrativa de uma coletânea de histórias reunidas ao longo de suas viagens pelo oriente, e ao modo do marinheiro mercante, nos faz revisitar o passado através do relato das lendas de terras longínquas. Detenhamo-nos no conto "Rani de Chitor".

A narrativa da história da bela Padmini, rani da cidade de Chitor, interessou-me particularmente pelo modo com que foi proposta a captura do rosto da beleza ao sultão de Delhi que, atraído por Padmini, promoveu o cerco da cidade fortificada com seu exército, exigindo conhecê-la nos idos de 1303. O esposo de Padmini, cômico do assédio amoroso implícito no cerco promovido pelo sultão, propôs-lhe um trato: poderia vê-la através de um espelho colocado estrategicamente em um lugar cujo acesso direto pela visão seria impossível. Um estratagem que Herrmann traduz da seguinte maneira:

"Ele poderia ver sem ver, contemplar o semblante da rani num

espelho e a segura distância, e assim elevar a tensão do desejo para sonhar por toda a vida com o reflexo arredoio²⁸.

Ora, apoiando-se nesta lenda, Herrmann nos aproxima da cena de humanização, essencial a todo processo analítico, da qual se furtou o sultão que, no jogo de espelhos, não suportou o eclipse do corpo da carne da bela rani para reter seu semblante. Ou seja, não suportou o jogo a que se submete o desejo no campo transferencial: se se deixa ver a cara, não vê a rani. Se procura vê-la, não vê quem a vê. Referindo-se, no caso, ao afastamento em eclipse de si enquanto carne, que se torna imprescindível para tornar visível o avesso da carne, ou o rosto do desejo, do qual, aliás, está em busca todo aquele que procura análise.

Herrmann propõe que o fato de poder reconhecer-se através do espelho proposto pelo rana-analista é equivalente ao ato de um sultão que, abdicando do império absoluto, diria o seguinte: "não é este senhor gentil meu analista, ele está aí em cima e é apenas um espelho, não se zanga, não proíbe, não acaricia, nem mesmo conduz, reflete. Movo-me e me descubro diferente cada vez que me perco no reflexo do meu desejo"²⁹.

Tal como pude entrever no início de uma sessão de uma jovem, que se depara com o surgimento do seu ser mulher, não mais acoplado ao desejo do ex-namorado, mas descobrindo-se ela mesma como ser desejante, mediado pelo espelho que lhe oferece como mulher-analista: "Ah, Mônica, que belo vaso! São as flores de maio?! E aquela gravura? (o dorso nu de um homem grego que sempre chamou sua atenção)... Ah, você mudou a disposição do quadro! Sabe, sonhei com a minha professora de flamenco, a Carmem..." Terá sido a Carmem sensual da grande ópera de Bizet, retratada mais de uma vez no cinema, em que se destaca a versão de Carlos Saura... Quer dizer, uma me-

nina mulher que inicia a análise quase sem poder relatar qualquer história de si mesma, a não ser em fragmentos, e que agora se vê talhando o seu ser mulher.

Recorro, ainda, ao testemunho de uma outra paciente que descreve com muita sensibilidade como se viu inicialmente um tanto sem rumo, para logo reencontrar-se, quando do início da análise de sua filha adolescente. Na sessão que fez após tê-la deixado com sua analista, comenta que estava experimentando a emoção do renascimento de sua puberdade ao proceder ao ritual de iniciação de sua filha. Em seguida pondera: "É e não é a mesma coisa, pois se para ela é um universo que se abre, para mim trata-se de uma reabertura sob um novo ângulo, como se mais uma camada de minha análise fosse percorrida através do espelho de minha filha".

Optando, no caso, por uma via mais rica de encontro com seu objeto do desejo, que Herrmann descreve em oposição ao furor melancólico: "constrói-se nova capital, ampliada e menos defendida, mais rica porém reproduzindo o mesmo rosto"³⁰. Um processo que, segundo o autor, encontra-se facilitado pelo que chama de paixão metodológica, que pode ser confundido com o deslocamento do amor para o analista. Mas esclarece-nos a esse respeito: "no fundo, porém, a paixão transferencial decorre da atração global exercida sobre o sujeito pelo conjunto de suas possibilidades de ser, por seu rosto total, que o método psicanalítico promete descobrir, razão pela qual se lhe pode chamar paixão metodológica"³¹.

A meu ver, o olhar enviesado através do espelho, proposto como estratégia ao sultão de Delhi para saciar seu desejo de ver a beleza de Chitor, nos ensina muitas coisas a propósito da arte do bem narrar, assim como sobre o método psicanalítico. Uma arte que nos dois casos supõe a captura da atenção, naquilo para o qual se costuma estar

desatento, por meio de uma particular aderência à história narrada, mas que dela se separa por um ângulo de visão em que se possa olhar... o campo do desejo... sem vê-lo. ■

NOTAS

1. Recorrerei tanto à versão brasileira: T. S. Eliot, *Poesia*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1963, como à edição inglesa: T. S. Eliot, *The Complete poems and plays - 1909-1950*, New York, Harcourt Brace & Company, 1980.
2. T. S. Eliot, *op. cit.*, 1963, p. 89; 1980, p. 37.
3. F. Herrmann, "Mal-estar na cultura e a psicanálise no fim do século", em: Junqueira (org.), *Perturbador Mundo Novo*, São Paulo, Ed. Escuta, 1994, pp. 305-333, p. 333.
4. T. S. Eliot, *op. cit.*, 1963, p. 104; 1980, p. 47.
5. T. S. Eliot, *op. cit.*, 1963, p. 105; 1980, p. 50.
6. T. S. Eliot, *op. cit.*, 1963, p. 117; 1980, p. 56.
7. W. Benjamin, "Tesis de Filosofía de la Historia", Em: *Discursos Interrompidos I*, Madrid, Editora Taurus, 1989a, pp. 175-191, p. 183.
8. T. S. Eliot, *op. cit.* 1963, p. 119; 1980, p. 58.
9. P. P. Schreber, *Memórias de um doente dos nervos*, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1984.
10. F. Herrmann, *O divã a passeio - à procura da psicanálise onde não parece estar*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.
11. M. Proust, *Em busca do tempo perdido*, São Paulo, Editora Globo, 1992 (07 volumes).
12. J. M. Gagnebin, *História e narração em W. Benjamin*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1994, p. 17.
13. S. Freud, "Rémémoration, répétition et per-laboration" (1914), Em: *La technique psychanalytique*, Paris, PUF, 1997, pp. 105-115.
14. Cf. salientado por J. Laplanche e J.-B. Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1983, p. 430.
15. Como em: F. Herrmann, *op. cit.*, 1994.
16. F. Herrmann, *op. cit.*, 1992.
17. F. Herrmann, *op. cit.*, 1992, p. 100.
18. W. Benjamin: "O narrador - observações acerca da obra de Nicolau Leskov" (1969), na coleção: *Os Pensadores. Textos escolhidos*, W. Benjamin, M. Horkheimer, T. W. Adorno, São Paulo, Abril Cultural, 1980, pp. 57-74, p. 62.
19. Em Homero, *Odisséia*, São Paulo, Cultrix, 1989.
20. W. Benjamin, "A imagem de Proust", Em: *Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986, pp. 36-49, p. 37.
21. Cf. expressão de F. Herrmann, *op. cit.*, 1994.
22. W. Benjamin, *op. cit.*, 1980, p. 58.
23. W. Benjamin, "Experiência e pobreza". Em: *Discursos Interrompidos I*. Trad. Jesus Aguirre. Madrid, Taurus, 1989b, pp. 165-174.
24. R. Sennett, *O Declínio do Homem Público - as tiranias da intimidade*, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1988.
25. F. Herrmann, "Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas", Em: S. A. Figueira (org.), *Interpretação: sobre o método da psicanálise*, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1989, pp. 7-34.
26. Cf. A. Green, "Gênese et situations des états limites", em J. André (org.), *Les états limites*, Paris, PUF, 1999, pp. 23-68.
27. F. Herrmann, *O divã a passeio - à procura da psicanálise onde não parece estar*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.
28. F. Herrmann, *ibidem*, p. 73.
29. F. Herrmann, *ibidem*, p. 77.
30. F. Herrmann, *ibidem*, p. 80.
31. F. Herrmann, *ibidem*, p. 83.